

Salve, simpatia!

Pesquisador do Instituto de Artes resgata a trajetória de Jorge Ben Jor em dissertação de mestrado

A MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Banda do Zé Pretinho, quem diria, veio parar na academia. Não exatamente para animar a festa, mas para ser, pela primeira vez, objeto de estudo de pós-graduação. A missão ficou a cargo do músico e pesquisador Alam D'Ávila do Nascimento, que investigou a carreira e a obra do inoxidável Jorge Ben Jor, o mais suingado *band leader* do lado debaixo do Equador. "Meu principal objetivo foi definir o estilo dele. O que pude constatar é que Ben Jor tem um estilo híbrido e original, que pode ser reconhecido principalmente por dois aspectos. O primeiro está na batida da guitarra ou violão, que traz elementos do

samba, da Bossa Nova, do rock e do pop. O segundo está no canto, que apresenta traços do blues e nuances do pop", afirma o autor do trabalho.

O interesse de Alam por Ben Jor surgiu ainda na graduação, quando desenvolvia pesquisa de iniciação científica. Na época, instigado pelo seu orientador, José Roberto Zan, professor do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, ele decidiu fazer uma análise do primeiro disco do artista, lançado em 1963, intitulado *Samba Esquema Novo*. Naquela época, segundo o pesquisador, o cantor, então conhecido como Jorge Ben, já revelava uma das características que o acompanhariam pelo resto da carreira, qual seja, a de absorver informações de outros gêneros para criar o seu próprio modo

de tocar e cantar. "Nesse primeiro álbum, por exemplo, as músicas apresentavam influências do samba, do jazz e da Bossa Nova", aponta o autor da dissertação.

As razões dessas experimentações e fusões podem ser encontradas na biografia de Ben Jor, conforme Alam. Filho de um homem ligado ao carnaval e de uma mãe etíope, o músico bebeu desde pequeno na fonte do samba e de outras sonoridades de matrizes africana. Além disso, na juventude atuou como cantor de boates, o que o obrigava a conhecer e executar vários gêneros. "Ainda na década de 60, Ben Jor começou a transitar pelo Beco das Garrafas, que se transformou uma espécie de QG da Bossa Nova e da boemia do Rio de Janeiro. Lá, ele conheceu o produtor e os músicos que o acompanhariam na gravação do primeiro disco", relata o pesquisador.

Por esta época, Ben Jor, que seguia sendo apenas Ben, começou a se tornar popular e a fazer vários shows. Em meados da década de 60, porém, o artista afastou-se da Bossa Nova para se aproximar da Jovem Guarda, movimento que estava em plena ascensão. Essa relação gerou certa tensão com os bossanovistas. "Isso ocorreu porque Ben Jor havia assinado um contrato para participar de seis edições do *Fino da Bossa*, programa apresentado por Elis Regina e Jair Rodrigues. Certo dia, depois de duas ou três apresentações, ele se encontrou com Erasmo Carlos, que o convidou para participar de outra atração televisiva, a *Jovem Guarda*, e ele foi. O pessoal da Bossa Nova ficou muito irritado e fomentou alguma antipatia em relação a ele". Graças a essa aproximação com a turma de Roberto e Erasmo Carlos, Ben Jor passou a incorporar a batida do rock nas suas canções.

O namoro com a Jovem Guarda, todavia, não durou muito. No final da década de 60, Ben Jor aproximou-se de um novo movimento musical, a Tropicália, conduzida por Caetano Veloso, Gilberto Gil e mais um grupo de artistas. Naquela oportunidade, participou da atração *Divino e Maravilhoso*, fez músicas para o programa e compôs canções que o acompanhariam pelo resto da carreira, tais como *País Tropical*, *Que pena* e *Cadê Tereza*. Como nunca teve uma participação política muito pronunciada e as canções de protesto começavam a perder um pouco a força, Ben Jor aproveitou a década de 70 para dar ainda

Foto: Antônimo Perri



O músico e pesquisador Alam D'Ávila do Nascimento: "Ben Jor tem um estilo híbrido e original"

mais vazão ao seu estilo e flertar com o *funk* e a *soul music* que surgiam fortemente no país. No período, registresse, emergiram nomes importantes como Tim Maia, Cassiano, Carlos Dafé, entre outros. "Penso que é aí que o som de Ben Jor começa a ficar mais Ben Jor", analisa Alam.

Tal característica pode ser constatada, de acordo com o pesquisador, no disco *África Brasil*, de 1976, que tem uma batida marcadamente funk. Nos anos 80, embora continuasse popular e fazendo muitos shows, inclusive internacionais, Ben Jor experimentou certo declínio na vendagem de discos. Na segunda metade da década, ele se aproximou do chamado pop-rock e absorveu alguns de seus elementos. Mas a grande virada na carreira do artista viria na década de 90. Em 1991, depois de quase 30 anos de estrada, ele lançou a música *W Brasil* e explodiu nas paradas de sucesso. Também conquistou um público novo, predominantemente jovem, que praticamente não conhecia seus trabalhos anteriores.

Para o autor da dissertação de mestrado, que contou com bolsa de estudo concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a capacidade de Ben Jor de "dançar conforme a música" revela a habilidade do artista de se

reinventar sempre que necessário. "Eu diria que ele sempre soube absorver as referências que o interessavam, para que pudesse fazer o seu som. O que pontua o trabalho do Ben Jor, e que talvez explique o fato de ele estar sempre presente na mídia e no mercado fonográfico, é o fato de sua música ser dançante. Também é uma música fácil de cantar e que tem sempre um refrão muito bom. Além disso, as letras abordam temas que interessam aos fãs, como futebol, musas, São Jorge etc".

O principal legado de Ben Jor para a música brasileira, na opinião de Alam, pode ser verificado no que se convencionou chamar de samba-funk e samba-rock. Esses gêneros, que ele ajudou a formatar, influenciaram e continuam influenciando diversos artistas e grupos nacionais, como Funk Como Le Gusta, Seu Jorge, Simoninha, Max de Castro, Jair Oliveira, Luciana Melo, entre outros. Dito de outro modo, a Banda do Zé Pretinho chegou não apenas para animar a festa, o que vem fazendo muito bem ao longo de décadas, mas também para deixar a sua marca na história da música brasileira. A propósito dessas contribuições, talvez seja conveniente emprestar duas expressões muito usadas pelo próprio Ben Jor: Salve Jorge! Salve, simpatia!



Fotos: Divulgação